

Aluno(a):

Terceirão

Turma:

Turno: Matutino

**REDAÇÃO**

O ato de escrever é empregado, normalmente, quando a comunicação precisa se fazer por escrito. Seja escrevendo para outra pessoa, para um órgão governamental, para uma empresa ou mesmo para si, há sempre, nesse processo, interlocutores. Os interlocutores são os responsáveis por estabelecer o elo da comunicação escrita. Existem sempre, no mínimo, dois interlocutores: o que redige e o que lê – e, portanto, finaliza o processo daquela comunicação em si.

Para quem escrevo? Com que finalidade? Quando escrevo? Qual a minha intenção? São perguntas que devem ser feitas sempre que o processo de produção textual se inicia. Essas perguntas nos auxiliam a projetar melhor nossas estratégias comunicativas, uma vez que o outro não sabe o que se passa em nossa cabeça.

**Tipologia x Gênero Discursivo**

Há uma tendência natural a se escrever determinados textos e não outros de acordo com a situação exigida. Os tipos textuais e gêneros discursivos são a chave para compreendermos quando se deve escrever esse ou aquele texto.

Os textos seguem algumas linhas gerais que nos fazem perceber naturalmente quando se trata de uma argumentação, uma narração, uma exposição etc. Essas linhas gerais definem-se como **tipos de texto**, quais sejam alguns: argumentação, descrição, narração, injunção etc.

Quando escrevemos um texto em 3ª pessoa sobre um tema discutido na atualidade (como a queda de ditadores no mundo árabe, por exemplo), abstraindo os fatos e abordando suas causas, consequências, dando exemplos e criticando, facilmente os demais percebem que estamos redigindo um texto argumentativo. Mas se por acaso contarmos uma história envolvendo algumas personagens numa determinada época, apresentamos um conflito e até um desfecho, com certeza dirão que produzimos uma narrativa. Essa identificação é possível porque as linhas gerais que caracterizam esses textos estão apresentadas na sequência linguística, no tipo de verbo e seus tempos e modos, na adjetivação, na abstração ou concretude do texto.

Já os **gêneros discursivos** partem dos tipos (ou estão dentro eles, como *sob* um guarda-chuva), mas possuem características ligadas à situação de produção que os diferenciam dos outros textos dentro do mesmo tipo ou de outro tipo textual. Desta forma, por exemplo, um artigo pode ser de opinião, de divulgação científica e, ainda, científico. São textos com objetivos e características distintas, apesar de pertencerem, todos eles, aos tipos argumentativo e expositivo. Então, o que os diferencia? A situação em que são produzidos, os objetivos de seus autores, o *suporte* (onde estão sendo publicados), o tipo de leitor, a época em que são produzidos...

Assim, chegamos a uma breve conclusão de que os tipos são a parte teórica de um texto, enquanto os gêneros são a realização concreta, ou seja, a parte prática da produção. Por exemplo, quando nos deparamos com uma *reportagem* num jornal, podemos identificar um ou mais tipos textuais nela. Se num momento ela conta uma sequência de acontecimentos, então ela possui uma sequência narrativa ali. Se noutra ela assume um posicionamento sobre aquele acontecimento, defendendo e fundamentando aquela "opinião", então percebemos que também há argumentação no texto. Se mostra os fatos, tendo em vista sua explicação, vemos o tipo expositivo ali presente e, se num quadro ela dá dicas de como executar uma determinada ação (numa reportagem sobre assalto, para se ter uma ideia), dizendo passo a passo como **NÃO** reagir a uma abordagem, notamos ali a presença do texto injuntivo.

Quando produzimos um gênero, podemos abrir mão da "rigidez" que existia na escola quando produzíamos a eleita dissertação escolar e ousar, valendo-nos das características do gênero, do tipo do qual ele se utiliza (ou dos tipos), mas podendo flertar com outros gêneros, afinal, a composição dele confere liberdade a quem redige. Ao fenômeno em que várias características de gêneros são empregadas num mesmo texto, dá-se o nome de interdiscursividade intergêneros.

A produção textual envolve esses conceitos teóricos que, na prática, são de uso comum dos falantes. Quem está na escola, está produzindo os mais variados gêneros a todo momento. Até a conversa informal na hora do intervalo é um gênero. O aluno deve ter ciência dessas noções básicas de textualidade, pois elas são fundamentais para que ele compreenda o fenômeno natural *produção textual*. Só é um bicho de sete cabeças para quem não presta atenção que os discursos estão todos aí, prontos para ser absorvidos, modificados, relidos, reinterpretados e colocados no papel sob uma ótica pessoal.

**Como é no vestibular?**

Os vestibulares brasileiros têm adotado, há décadas, o gênero básico dissertação argumentativa como padrão de avaliação de escrita.

Entretanto, algumas instituições já sugeriram aos seus candidatos que se colocassem em situações diferentes das deles, tais como escrever uma carta como se fosse um aposentado, contar uma história pondo-se no lugar de uma cabra, escrever uma reportagem como um jornalista turístico, entre outros. Com isso, por mais que a instituição pedisse o tipo textual ou o gênero dissertação, ela acabava por induzir o candidato a produzir um gênero discursivo específico, como um conto ou um artigo de opinião. Como a discussão sobre gêneros relativamente recente (data de algumas décadas apenas), mas tem se intensificado na última década, algumas universidades, como as nossas UFG, UEG e PUC, e o IFG decidiram cobrar gêneros em lugar dos tipos textuais, assumindo de uma vez as situações prováveis em que os candidatos deveriam se colocar. Uma das possíveis explicações é que os candidatos se viam, muitas vezes, atados pelos "maneirismos" dos tipos, quase que escrevendo através de uma forma.

No entanto, essa situação está mudando. Cada dia mais e mais instituições superiores põem seus candidatos a experimentar uma situação de produção em que eles têm de se colocar no lugar de alguém que não são. Assim, quanto mais o aluno ler textos variados, mais ele entenderá quem escreve, a quem escreve, com que intuito escreve, onde escreve... Ou seja, o aluno experimentará, como interlocutor, a situação de produção, que é definidora de todo o processo de produção textual.

**Parágrafo**

Os textos em prosa, sejam eles narrativos, descritivos ou argumentativos, são estruturados geralmente em unidades menores, os parágrafos, identificados por um ligeiro afastamento de sua primeira linha em relação à margem esquerda da folha. Possuem extensão variada: há parágrafos longos e parágrafos curtos. O que vai determinar sua extensão é a unidade temática, já que cada ideia exposta no texto deve corresponder a um parágrafo.

*"O parágrafo é uma unidade de composição, constituída por um ou mais de um período em que desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela."*

Essa definição não se aplica a todo o tipo de parágrafo: trata-se de um modelo - denominado parágrafo-padrão - que, por ser cultivado por bons escritores, o aluno poderá (e até deverá) imitar:

Muito comum nos textos de natureza argumentativa, que trabalham com ideias e exigem maior rigor e objetividade na composição, o parágrafo-padrão apresenta a seguinte estrutura:

**a) introdução** - é constituída de poucas frases que expressam, de maneira sintética, a ideia principal do parágrafo, definindo seu objetivo e situando o leitor sobre o que virá.

**b) desenvolvimento** - corresponde a uma ampliação do que foi apresentado, com apresentação de ideias secundárias que o fundamentam ou esclarecem.

**c) conclusão** - nem sempre presente, especialmente nos parágrafos mais curtos e simples, a conclusão retoma a ideia central, levando em consideração os diversos aspectos selecionados no desenvolvimento.

### Tipos de parágrafos argumentativos

- **Declaração inicial** - é o parágrafo mais comum, o que se inicia com uma afirmação e é rodeado por ideias secundárias. Costuma vir na introdução do texto, mas pode ser, também, o segundo parágrafo. Costuma abrigar a tese.
- **Interrogação** - é o parágrafo que apresenta uma ou mais perguntas, uma reflexão sobre o que se está discutindo. Normalmente pede resposta, uma vez que o autor a faz quando esta não é uma pergunta retórica.
- **Definição** - é o parágrafo que se vale do conceito de alguma coisa, normalmente o foco do tema. Procura fazer o mesmo trabalho do dicionário. Ideal para quem tem muita dificuldade em iniciar o texto.
- **Oposição e comparação** - é o parágrafo que subdivide em dois grupos posições diferentes sobre um mesmo tema. Ótimo para temas complexos. Ex.: O problema do desarmamento ainda possui um agravante sério. É que de um lado há civis que não querem se desfazer de suas armas porque se sentem seguros assim, enquanto, do outro lado, outros civis acham que armados gerarão mais violência.
- **Citação** - quando utilizamos num parágrafo a fala de alguém, o discurso de uma autoridade no assunto, por exemplo, recortada por aspas, dizendo quem o disse depois (ou antes). Importante na sustentação do que se defende. Também se pode fazer a citação em discurso indireto, sem aspas.
- **Exemplificação** - aqui enumeram-se os exemplos sobre uma questão que já foi explicada ou que virá a ser. A exemplificação dá base aos argumentos utilizados pois, como que provando ao leitor, os exemplos mostram o que se fala.
- **Ilustração** - a ilustração é o exemplo que vai além da enumeração. É o exemplo que explica, que dá orientação ao leitor para saber exatamente do que se fala. Enquanto na exemplificação temos apenas os tópicos (e às vezes vários), na ilustração costuma-se ter apenas um exemplo, porém, com maior explanação sobre o que ele mostra.
- **Alusão histórica** - este recurso é bastante utilizado em textos que remetem a fatos corriqueiros ou já acontecidos. Assim, se o tema refere-se à corrupção, pode-se voltar ao passado para comparar o que acontece hoje.

Exemplo de **argumentação** do gênero *artigo de opinião*:

#### A favor dos videogames

*O cérebro humano é um órgão que absorve quase 25% da glicose que consumimos e 20% do oxigênio que respiramos. Carregar neurônios ou sinapses que interligam os neurônios em demasia é uma desvantagem evolutiva, e não uma vantagem, como se costuma afirmar.*

*Todos nós nascemos com muito mais sinapses do que precisamos. Aqueles que crescem em ambientes seguros e tranquilos vão perdendo essas sinapses, que acabam não se conectando entre si, fenômeno chamado de regressão sináptica.*

*Portanto, toda criança nasce com inteligência, mas aquelas que não a usam vão perdendo-a com o tempo. Por isso, menino de rua é mais esperto do que filho de classe média que fica tranquilamente assistindo às aulas de um professor. Estimular o cérebro da criança desde cedo é uma das tarefas mais importantes de toda mãe e todo pai modernos.*

*Sempre fui a favor de videogames, considerados uma praga pela maioria dos educadores e pedagogos. Só que bons videogames impedem a regressão sináptica, porque enganam o cérebro fazendo-o achar que seus filhos nasceram num ambiente hostil e perigoso, sinal de que vão precisar de todas as sinapses disponíveis. O truque é encontrar bons jogos, mas não é tarefa impossível.*

*O primeiro videogame que comprei para meus filhos foi o famoso SimCity, um jogo em que você é o prefeito de uma pequena vila, e, dependendo de suas decisões, ela pode se tornar uma megalópole ou não. Se você for um péssimo prefeito, a população se mudará para a cidade vizinha, e fim do jogo. Em vez de eleger prefeitos, seria muito melhor se empossássemos o vencedor do campeonato de SimCity em cada cidade.*

*Um dia eu estava brincando de "prefeito" quando meus filhos de 11 e 13 anos de idade, analisando meu "planejamento urbano" inicial, balançaram a cabeça em desaprovação: "Tsk, tsk, tsk. Pai, daqui a cinquenta anos você vai dar com os burros n'água". Eu, literalmente, caí da cadeira. Quantos de nós, aos 11 anos, tínhamos consciência de que atos feitos na época poderiam ter consequências nefastas cinquenta anos depois? Quantos de nós pensaríamos em prever um futuro para dali a cinquenta anos?*

*A lição que me deram com o famoso videogame Mario Brothers foi ainda melhor. Não tendo a paciência de meus filhos, eu vivia cortando caminho pelos vários atalhos existentes no jogo, quando novamente me deram o seguinte conselho: "Não se podem queimar etapas, senão você não adquire a experiência e a competência necessárias para as situações mais difíceis que estão por vir". A frase não foi exatamente essa, mas foi o suficiente para me deixar com os cabelos em pé. Dois garotos estavam me ensinando que cada etapa da vida tem seu tempo e aprendizado, e nela não se pode ser um apressado.*

*No jogo Médico, as crianças aprendem a fazer um diagnóstico diferencial, a pior das alternativas sendo uma apendicite. Nesses casos, elas têm de operar "virtualmente" o paciente seguindo condutas médicas corretas. Um dos procedimentos é a assepsia da pele, e aí de quem não escovar o peito do paciente, com o mouse nesse caso, por três minutos, o que é uma eternidade num videogame e para uma criança. Quem gasta menos do que isso é sumariamente expulso do hospital por erro médico. Que matéria ou professor ensina esse tipo de autodisciplina?*

(...)

*Aos 12 anos, meus filhos já tinham noção de que os primeiros anos de um negócio são os mais difíceis, e controlar o capital de giro é essencial. Avaliar riscos e administrar o capital de giro, nem grandes empresários sabem fazer isso até hoje.*

*Como em tudo na vida, é necessário ter moderação nas horas devotadas ao videogame. Mas ele é uma ótima forma de estimular o cérebro da criança e impedir sua regressão sináptica, além de ensinar planejamento, paciência, disciplina e raciocínio, algo que nem sempre se aprende numa sala de aula.*

*Stephen Kanitz é administrador por Harvard*

Editora Abril, Revista Veja, edição 1926, ano 38, nº 41, 12 de outubro de 2005, página 22

#### Sugestão de sites:

[www.leonardoboff.com](http://www.leonardoboff.com)  
[www.fora-diogo-mainardi.blogspot.com](http://www.fora-diogo-mainardi.blogspot.com)  
[www.kanitz.com.br](http://www.kanitz.com.br)

1.

**Individualismo não é egoísmo** por Flávio Gikovate

Nossos ouvidos recebem de forma negativa a palavra individualismo porque a confundimos com egoísmo, um vício que condenamos mesmo quando vive dentro de nós. Porém não é bom aceitar como verdade absoluta tudo o que aprendemos na infância. Convém refletir a respeito daquilo que pensamos saber.



O individualismo está relacionado à individualidade, ou seja, à capacidade de se reconhecer como unidade, ainda que integrada a um contexto maior – a família, o país, o planeta. Somos indivíduos com peculiaridades próprias, uma parte única em um universo composto de pessoas diferentes que partilham interesses comuns.

O individualismo considera legítimo cuidar dos próprios interesses – o que não significa, em hipótese alguma, prejudicar os direitos daqueles que nos cercam. O individualista tem uma noção clara dos seus limites. Sem essa consciência da fronteira que separa os direitos alheios dos seus, ele não conseguiria se distinguir do todo e perderia seu individualismo.

Nossa sociedade valoriza intensas trocas de sentimentos e idolatra as pessoas que se doam sem medida e incondicionalmente. Então, o individualista, que não se entusiasma em trocar, é visto com reservas. Trata-se de alguém que não espera muito dos outros e prefere dar pouco de si. Esse comportamento não é egoísmo, embora as pessoas cujas expectativas ele deixa de atender o vejam dessa forma.

Egoístas são os que defendem profundas trocas de experiências entre as pessoas para tirar vantagem, já que exigem muito e dão pouco. Como não sobrevivem sem isso, acusam de egoísmo quem não aceita as regras desse jogo de dar muito e receber pouco. O alvo em geral são os individualistas, que não se prestam a esse tipo de manobra. Aos egoístas não resta outra saída a não ser se aproveitar dos generosos – aqueles que não se importam em receber muito menos do que seu empenho em doar mereceria.

O egoísta diz “eu me amo” e gosta de apregoar que consegue suprir as próprias necessidades e ficar bem consigo mesmo. O objetivo desse discurso é esconder a vergonha que sente de sua total dependência – de atenções, de proteção, de companhia. Se fosse independente de fato, não precisaria tirar vantagem dos relacionamentos. Na verdade, gostaria de ser individualista, de ter força suficiente para bastar a si mesmo, de aguentar com dignidade as dores inerentes à vida, de poder escolher entre trocar ou não experiências. O individualista possui essa força, enquanto o egoísta o imita exibindo uma energia que não possui.

Por isso, o egoísta se apropria daquilo que não lhe pertence: precisa guardar uma cota extra para suprir sua incompetência em lidar com a vida. Faz isso não porque seja mau-caráter, mas porque é um fraco. Conhece suas limitações emocionais e padece de inveja dos que são verdadeiramente independentes. Tenta incorporar suas atitudes e até convence muita gente de sua independência. Mas não engana a si mesmo.



Disponível em:

<http://mulheristicamente.blogspot.com/2007/08/individualismo-no-egosmo.html>

2.

**Altruísmo versus Egoísmo: só o Homem poderá salvar o próprio Homem**

*Cena comum em muitas cidades no mundo inteiro: um mendigo enfermo sentado em uma calçada pede uma esmola a alguém. Existem vários tipos de pessoas e podemos obter algumas conclusões de um episódio deste.*

*Uma passa pelo mendigo, não dá nada, não possui nenhum sentimento humanitário, solidário. Outra dá algum dinheiro pois tem pena daquela pobre criatura. Outra mesmo com pena não cede. Enfim é uma situação nada simples e se poderia falar em dezenas de reações dos pedestres.*

*Mas um fato eu afirmo categoricamente: muitas, mas muitas pessoas sentem, lá no fundo, um certo peso na consciência. Elas sabem que diretamente são a única salvação do enfermo, mas não se mobilizam para salvá-lo, nem a outro. Não entram para alguma associação de caridade, não contribuem, não se envolvem. Claro que não, o egoísmo é poderoso. Poucos praticam o altruísmo.*

*Muitos rezam pelo próximo em suas igrejas ou mesmo sozinhos em casa, pelos cuidados de Deus. Ficam aliviados, extraem o peso de suas consciências porque delegam a um ente abstrato uma responsabilidade só sua. Unicamente sua. Fácil não?!*

*Por natureza somos e vivemos entre dois pólos: o egoísmo e o altruísmo. Se fôssemos 100% só um deles seríamos extintos. Só egoístas não formaríamos sociedades, famílias. Só altruístas esqueceríamos de nós mesmos por completo. Nem conseguimos pensar direito como seríamos totalmente.*

(...)

Retirado de <http://www.jornaldebates.ig.com.br/debate/as-religoes-sao-nocivas-ao-bemestar-humano/artigo/altruismo-versus-egoismo-so-homem-podera-s>

3.



*Enquanto nós, seres humanos, não tivermos a consciência plena de que a sociedade é, foi e sempre será um conglomerado humano heterogêneo e que devemos respeitar toda existência humana, seja minoria ou maioria, compreender as opções individuais, orientações sexuais, as manifestações de opiniões, a liberdade de opções, enquanto não pararmos com o uso de adjetivos desqualificativos de escolha, grupos étnicos, religiosos e outros, nós jamais teremos uma mente aberta para o convívio pleno da paz social, da harmonia e do bem estar coletivo.*

*O Tempo usado para depreciar a própria espécie humana, seja fenótipo ou ideológico deveria ser substituído, por um tempo útil, ou seja: por uma política universal do bem estar da humanidade, pois um choque de civilização, de cultura, de ideologia é um mal que vai prejudicar a todos, em um só tempo, em todo tempo, pois, é uma semente de fogo abrasador que coloca o homem contra o próprio homem e em nada colabora para o convívio dos seres humano na esfera maior – Planeta Terra.*

Transcrito de:

<http://www.icoenoticia.com/2009/03/o-homem-e-o-lobo-do-homem-nao.html>

4.

### O lobo (Pitty)

*Houve um tempo em que os homens  
Em suas tribos eram iguais  
Veio a fome e então a guerra  
Pra alimentá-los como animais  
Não houve tempo em que o homem  
Por sobre a Terra viveu em paz  
Desde sempre tudo é motivo  
Pra jorrar sangue cada vez mais.*

*O homem é o lobo do homem!  
O homem é o lobo do homem!*

*Sempre em busca do próprio gozo  
E todo zelo ficou pra trás  
Nunca cede e nem esquece  
O que aprendeu com seus ancestrais  
Não perdoa e nem releva  
Nunca vê que já é demais.*

*O homem é o lobo do homem!  
O homem é o lobo do homem!*

5.

(Comentário sobre o filme *Dogville*)

[...]

*Uma cidade pequena e esquecida recebe a visita de uma garota foragida. Aproveitando a necessidade que a moça tem em ficar escondida, todos tiram proveito do serviços "que não precisam ser feitos" que a moça se dispõe a fazer.*

*Mas ao passar do tempo esses serviços viram uma obrigação e as pessoas começam a exigir mais e mais de Grace (esse é o nome da garota). Ela se torna escrava dessas "humildes" pessoas que dizem que precisam compensar o risco de mantê-la refugiada na cidade.*

*Desenrolam-se então, estupros, mentiras, ameaças, arrogância e todos esses e outros defeitos já consagrados humanos. Com um final apoteótico o filme faz uma crítica ácida aos valores camuflados dos seres humanos.*

[...]

Retirado de:

<http://mesmamesmicedesempre.blogspot.com/2008/05/o-homem-o-lobo-do-homem.html>

6.

### "O homem é o lobo do homem" por Thomas Hobbes

*O egoísmo tem sido motivo de discussões ao longo dos anos. Motivo também de incontáveis violações à vida dos seres humanos, violências, guerras e tem separado as pessoas do bem comum, afastado-as do sentido de comunidade, de meio, de coletividade.*

*Muito disso se deve ao sistema no qual somos obrigados a viver, pois ele prega que devemos nos esforçar ao máximo para solaparmos o concorrente. A riqueza advém da nossa capacidade de ultrapassarmos os demais e sobressairmos nas atividades em que poucos ganham e muitos perdem. Há ainda a esperança de que ficaremos todos num mesmo patamar algum dia, entretanto, sabe-se muito bem que para que um esteja por cima, outros necessariamente precisam sustentar essa pirâmide. Como então vislumbrar princípios de altruísmo e igualdade numa sociedade em que o homem é o lobo do próprio homem?*

#### Tema:

*Altruísmo versus Egoísmo: em que medida esses sentimentos/práticas influenciam o modo de vida do homem contemporâneo?*

### Propostas de redação

**A – Dissertação** – a *dissertação* é um gênero predominantemente expositivo, no entanto, hoje se faz presente como um texto argumentativo, tal como um artigo de opinião. Difere-se deste, no entanto, no fato de que não possui marcas explícitas de pessoalidade, além de o uso da 1ª pessoa não ser recomendado.

Com base nessa explicação, redija uma dissertação sobre o tema em destaque tentando responder à pergunta.

**B – Fábula** – A *fábula* é uma narrativa curta que visa passar uma lição ao seu desfecho. Normalmente constituída por personagens animais, eles representam a vida humana, mas com as características que a natureza lhes deu. Assim, é natural que um leão seja bravo, uma coruja, inteligente, um corvo, traiçoeiro, uma raposa, matreira e assim por diante.

Com base nessa explicação, redija uma fábula que se passa numa selva e que tenha o desfecho ligado à pergunta: O homem é o lobo do homem? Utilize-se de diálogos, descrições breves e ações que demonstrem como o egoísmo está entranhado na sociedade contemporânea, através de uma metáfora.

**C – Carta argumentativa** – No gênero *carta argumentativa*, o autor escreve ao interlocutor com o propósito de discutir com ele algum conceito do qual discorda ou mesmo para repercutir algum enunciado do interlocutor.

Dessa forma, escreva uma carta argumentativa ao psicólogo Flávio Gikovate, autor do primeiro texto desta coletânea. Se você concorda com ele, redija uma carta apresentando pontos seus que complementem a visão dele. Não copie trechos do texto dele, mas o interprete.

No entanto, se você discorda da opinião de Gikovate, redija uma carta a ser publicada no jornal onde aquele artigo fora publicado. Apresente suas opiniões de modo a convencer o psicólogo de que não há tanta diferença assim entre egoísmo e individualismo, afinal ambos são sentimentos contrários ao altruísmo.

### Proposta 03

#### Sobre gramáticas

*Com exceção de alguns especialistas, todos fomos levados a crer que uma gramática é um compêndio de regras que devem ser seguidas. Ela é praticamente reduzida a uma lista de acertos, o que provoca o surgimento de listas de erros.*

*Uma enormidade de apostilas, sites, blogues de especialistas em 'reprodução' fornece a curiosos ou a pseudonecessitados outras listas com as formas que podem e as que não poderiam empregar em seus relatórios (mas empregam...).*

*É verdade que esse tipo de regra (listas?) é uma gramática, mas apenas em um sentido da palavra e que leva em conta apenas uma das funções que tais obras desempenham em sociedades como a nossa.*

*Sua principal função é manter e realimentar o imaginário sobre uma suposta língua correta e bonita, sempre mais antiga. Outra função é contribuir com um ingrediente muito importante para cimentar a 'unidade nacional', com a ideia de que somos um povo que falamos uma só língua (tese fácil de desmentir, aliás, mas suficientemente forte para resistir a argumentos e a fatos).*

*Nunca se ouve, em uma festa ou em mesa-redonda, alguém perguntar pela classificação de "exceto", ou se "fantasma" é abstrato. Mas todos querem saber se a pronúncia correta é "ibero" ou "ibero" (as letras em negrito representam as sílabas tônicas), se é ou não um sinal do fim do mundo que se diga "Minha bolsa cabe de tudo" e onde vamos parar se os jovens não distinguem mais "ascendência" de "descendência" e se escrevem "ele se difere dela", em vez de "se diferencia".*

*Enfim, as gramáticas não só prescrevem. Elas também descrevem e tentam explicar fatos de linguagem que ocorrem, seja na escrita (que é muito diversificada), seja na fala (ainda mais variada).*

## Quantos pronomes (de fato)?

Uma gramática, mesmo dessas conhecidas (são mesmo conhecidas, ou só conhecemos seus subprodutos simplificados?), não contém apenas regras que indicam como falar e, principalmente, escrever.

As gramáticas também contêm descrições e análises e, portanto, uma metalinguagem (fonema, radical, passiva sintética, oração, subordinada, substantivo abstrato, adjetiva explicativa etc.). Uma das limitações dessas gramáticas é que só tentam descrever uma determinada amostra da língua escrita, relacionada com a literária.

Para mostrar a diferença entre uma gramática que descreve fatos e uma que basicamente prescreve regras, considere-se o caso dos pronomes pessoais e a conjugação verbal a eles associada.

Conforme qualquer gramática (ou manual escolar), os pronomes pessoais retos são “eu, tu, ele/a, nós, vós, eles/as”. Mas quem, atualmente, fala ou escreve “vós”, ou mesmo “tu”? Não é **um fato** que, para muitos (a maioria) falantes cultos do português do Brasil, os pronomes são “eu, você, ele/a, nós (a gente), vocês, eles/as”?

Conforme o sistema de pronomes, as formas verbais respectivas serão:

Eu lavo	Eu lavo
Tu lavas	Você lava
Ele lava	Ele lava
Nós lavamos	Nós lavamos (a gente lava)
Vós lavais	Vocês lavam
Eles lavam	Eles lavam

No português culto antigo, havia seis formas verbais. No atual, há quatro (quando se diz “nós”) e três (quando se diz “a gente”).

Como as línguas são variáveis, este quadro é parcial. Regional, provavelmente. É que há regiões ou ocasiões em que se usa “tu”. Aliás, com duas conjugações verbais, sendo que uma é mais formal (“tu lavas”) e a outra, mais informal (“tu lava”). **São fatos.**

Uma gramática adequada apresenta, classifica, descreve e explica fatos. Por exemplo, quanto mais numerosas forem as formas verbais e quanto mais houver correspondência de cada uma delas com um pronome (ou um tipo de sujeito), maior a probabilidade de que o sujeito possa ser ‘omitido’: quem diz “lavamos” não precisa (mas pode) dizer “nós”; quem diz “lava” precisa explicitar o sujeito: tu, ele, a gente; exatamente como se aprende essa regra em inglês, língua cujos verbos quase não têm flexões ‘pessoais’.

## Quem apita?

Infelizmente, em relação às línguas, mais do que em relação a qualquer outro tópico, aprendemos que há formas corretas e formas erradas. O que representa entregar a arbitragem sobre as formas da língua a critérios sociais mais que a critérios estruturais e mesmo históricos. É que uma análise histórica desmente o mito de várias maneiras.

Mostra que certas formas analisadas como erros atuais de pessoas pouco escolarizadas são formas antigas que foram preservadas em certas camadas da população. Por exemplo, “ele pissói” tem a ver com a forma “pessuir”, que é um arcaísmo, e não um ‘caipirismo’.

Camões escreveu: “cesse tudo o que a musa antiga canta / que outro valor mais forte sealevanta”, mas todos achamos que “alevanta” é erro de caipira.

A história desmente o mito da decadência das línguas. O principal argumento é que nunca houve línguas ‘perfeitas’. Se todas elas mudam com o passar do tempo (um dos poucos fatos não controversos no campo), então não há erros, do ponto de vista da estrutura da língua.

De fato, o que classificamos como erros são apenas formas que não têm prestígio em determinada sociedade, em determinada época. Mas as mesmas formas podem ter tido prestígio em época anterior ou vir a tê-lo em fase posterior.

Pode parecer um escândalo (comparável à proposição do heliocentrismo), mas um analista ‘sem ideologia’, que visse

apenas **os fatos**, sem considerar o valor que uma sociedade lhes confere, diria que:

- eu lavo
- (vo)cê lava
- ele lava
- nós lava
- (v)cês lava
- eles lava

é uma conjugação gramatical, que segue regras (no sentido de que é regular). Nenhum dos falantes que usam estas formas (e eles existem) está errado (no sentido de que não sabe sua língua), nem é verdade que fala de qualquer jeito (não se ouve “nós vou” e “eu vai”). Nem é verdade que assim não nos compreendemos (se alguém não compreende isso, então está mal!). Tampouco é verdade que a língua está em decadência.

## Fora de moda

Mudar não é decair. É assumir novas formas, como ensina a evolução das espécies, e também a moda e a tecnologia. Dizer “vós ides” é como usar gravata borboleta ou peruca empoadada. Claro que não é um erro. É uma forma antiga, com efeitos de sentido específicos.

E o que faria a escola se analisasse e lidasse com a variedade da língua que é de fato a norma culta de hoje (eu disse “norma culta!”)? Muitas coisas poderiam mudar (para melhor, com certeza).

Faço apenas dois comentários, por ora: a) é claro que ninguém vai ‘atualizar’ romances e poemas antigos (exceto, talvez, sua grafia) – que é preciso aprender a ler; b) qual professor espera que os alunos escrevam formas como “vós laváveis” nas redações?

Se podemos escrever “vocês lavam, amam, sofrem, vão”, por que devemos decorar “vós ides”, “vós fósseis” e preencher lacunas ‘corretas’ com essas flexões? Uma forma vale em uma aula e não vale na outra?

Imagine-se um professor de física ensinando Ptolomeu em uma aula e pedindo soluções newtonianas na seguinte! Não esqueçamos que a ‘tabela periódica’ de Aristóteles tinha quatro elementos: ar, água, terra e fogo. Quem a ensinaria hoje, a não ser como questão histórica?

Sírio Possenti

Departamento de Linguística  
Universidade Estadual de Campinas

## Proposta de comentário de site

E você? Como se posiciona em relação ao ensino da Gramática nas escolas? Concorde com o ensino da maneira tradicional? Acha que deveria ser de outra forma?

Após a leitura do artigo do professor Sírio Possenti, reflita sobre o papel da gramática na vida de todos nós e sobre como ela é, tradicionalmente, ensinada na escola.

Imagine que você navegava pelo site da revista Ciência Hoje On line e se deparou com esse artigo acima. Se pudesse, o que diria ao professor Sírio Possenti? Com base nessa suposição, redija um comentário de site, que é um texto opinativo, organizado, em que você exponha sua opinião. Apresente argumentos que complementem ou refutem as ideias do seu interlocutor (o professor e/ou leitores do site). Se achar por bem, faça releitura de trechos do artigo para sustentar seu ponto de vista, sem, contudo, copiá-los simplesmente.

## Proposta 04 ITA – 2012 (adaptado)

### Texto 1



- Ora, saiam daqui, seus imundos!  
Estão pensando o quê?  
Só dou esmolas para tragédias internacionais!

## Texto 2

Moradores de Higienópolis admitiram ao jornal Folha de S. Paulo que a abertura de uma estação de metrô na avenida Angélica traria “gente diferenciada” ao bairro. Não é difícil imaginar que alguns vizinhos do Morumbi compartilhem esse medo e prefiram o isolamento garantido com a inexistência de transporte público de massa por ali.

Mas à parte o gosto exacerbado dos paulistanos por levantar muros, erguer fortalezas e se refugiar em ambientes distantes do Brasil real, o poder público não fez a sua parte em desmentir que a chegada do transporte de massas não degrade a paisagem urbana.

Enrique Peñalosa, ex-prefeito de Bogotá, na Colômbia, e grande especialista em transporte coletivo, diz que não basta criar corredores de ônibus bem asfaltados e servidos por diversas linhas. Abrigos confortáveis, boa iluminação, calçamento, limpeza e paisagismo que circundam estações de metrô ou pontos de ônibus precisam mostrar o status que o transporte público tem em uma determinada cidade.

Se no entorno do ponto de ônibus, a calçada está esburacada, há sujeira e a escuridão afugenta pessoas à noite, é normal que moradores não queiram a chegada do transporte de massa.

A instalação de linhas de monotrilho ou de corredores de ônibus precisa vitaminar uma área, não destruí-la.

Quando as grades da Nove de Julho foram retiradas, a avenida ficou menos tétrica, quase bonita. Quando o corredor da Rebouças fez pontos muito modestos, que acumulam diversos ônibus sem dar vazão a desembarques, a imagem do engarrafamento e da bagunça vira um desastre de relações públicas.

Em Istambul, monotrilhos foram instalados no nível da rua, como os “trams” das cidades alemãs e suíças. Mesmo em uma cidade de 16 milhões de habitantes na Turquia, país emergente como o Brasil, houve cuidado com os abrigos feitos de vidro, com os bancos caprichados – em formato de livro – e com a iluminação. Restou menos espaço para os carros porque a idéia ali era tentar convencer na marra os motoristas a deixarem mais seus carros em casa e usarem o transporte público.

Se os monotrilhos do Morumbi, de fato, se parecerem com um Minhocão\*, o Godzilla do centro de São Paulo, os moradores deveriam protestar, pedindo melhorias no projeto, detalhamento dos materiais, condições e impacto dos trilhos na paisagem urbana. Se forem como os antigos bondes, ótimo.

Mas se os moradores simplesmente recusarem qualquer ampliação do transporte público, que beneficiará diretamente os milhares de prestadores de serviço que precisam trabalhar na região do Morumbi, vai ser difícil acreditar que o problema deles não seja a gente diferenciada que precisa circular por São Paulo.

Raul Justes Lores. Folha de S. Paulo, 07/10/2011. (Adaptado.)

(\*) Elevado Presidente Costa e Silva, ou Minhocão, é uma via expressa que liga o Centro à Zona Oeste da cidade de São Paulo.

## Texto 3



Retirado de: [www.novacharges.wordpress.com](http://www.novacharges.wordpress.com)

## Texto 4

Gosto de olhar as capas das revistas populares no supermercado nestes tempos de corrida do ouro da classe C. A classe C é uma versão sem neve e de biquíni do Yukon do tio Patinhas quando jovem pato. Lembro do futuro milionário disneyano enfrentando a nevasca para obter suas primeiras patacas. Era preciso conquistar aquele território com a mesma sofreguidão com que se busca, agora, fincar a bandeira do consumo no seio dos emergentes brasileiros.

Em termos jornalísticos, é sempre aquela concepção de não oferecer o biscoito fino para a massa. É preciso dar o que a classe C quer ler – ou o que se convencionou a pensar que ela

quer ler. Daí as políticas de didatismo nas redações, com o objetivo de deixar o texto mastigado para o leitor e tornar estanque a informação dada ali. Como se não fosse interessante que, ao não compreender algo, ele fosse beber em outras fontes. Hoje, com a Internet, é fácil, está ao alcance da vista de quase todo mundo.

Outro aspecto é seguir ao pé da letra o que dizem as pesquisas na hora de confeccionar uma revista popular. Tomemos como exemplo a pesquisa feita por uma grande editora sobre “a mulher da classe C” ou “nova classe média”. Lá, ficamos sabendo que: a mulher da classe C vai consumir cada vez mais artigos de decoração e vai investir na reforma de casa; que ela gasta muito com beleza, sobretudo o cabelo; que está preocupada com a alimentação; e que quer ascender social e profissionalmente. É com base nestes números que a editora oferece o produto – a revista – ao mercado de anunciantes. Normal.

Mas no que se transformam, para o leitor, estes dados? Preocupação com alimentação? Dietas amalucadas? A principal chamada de capa destas revistas é alguma coisa esdrúxula como: “perdi 30 kg com fibras naturais”, “sequei 22 quilos com cápsulas de centelha asiática”, “emagreci 27 kg com florais de Bach e colágeno”, “fiquei magra com a dieta da aveia” ou “perdi 20 quilos só comendo linhaça”. Pelo amor de Deus, quem é que vai passar o dia comendo linhaça? Estão confundindo a classe C com passarinho, só pode.

Quer reformar a casa? Nada de dicas de decoração baratas e de bom gosto. O objetivo é ensinar como tomar empréstimo e comprar móveis em parcelas. Ou então alguma coisa “criativa” que ninguém vai fazer, tipo uma parede toda de filtros de café usados. Juro que li isso. A parte de ascensão profissional vem em matérias como “fiquei famosa vendendo bombons de chocolate feitos em casa” ou “lucro 2500 reais por mês com meus doces”. Falar das possibilidades de voltar a estudar, de ter uma carreira ou se especializar para ser promovido no trabalho? Nada. Dicas culturais de leitura, filmes, música, nem pensar.

Cada vez que vejo pesquisas dizendo que a mídia impressa está em baixa penso nestas revistas. A internet oferece grátis à classe C um cardápio ainda pobre, mas bem mais farto. Será que a nova classe média quer realmente ler estas revistas? A vendagem delas é razoável, mas nada impressionante. São todas inspiradas nas revistas populares inglesas, cuja campeã é a “Take a Break”. A fórmula é a mesma de uma “Sou + Eu”: dietas, histórias reais de sucesso ou escabrosas e distribuição de prêmios. Além deste tipo de abordagem também fazem sucesso as publicações de focos de celebridades ou sobre programas de TV – aqui, as novelas.

Sei que deve ser utopia, mas gostaria de ver publicações para a classe C que ensinassem as pessoas a se alimentar melhor, que mostrassem como a obesidade anda perigosa no Brasil porque se come mal. Atacando, inclusive, refrigerantes, redes de fast food e guloseimas, sem se preocupar em perder anunciantes. Que priorizassem não as dietas, mas a educação alimentar e a importância de fazer exercícios e de levar uma vida saudável. Gostaria de ver reportagens ensinando as mulheres da classe C a se sentirem bem com seu próprio cabelo, muitas vezes cacheado, em vez de simplesmente copiarem as famosas. Que mostrassem como é possível se vestir bem gastando pouco, sem se importar com marcas.

Gostaria de ler reportagens nas revistas para a classe C alertando os pais para que vejam menos televisão e convivam mais com os filhos. Que falassem da necessidade de tirar as crianças do computador e de levá-las para passear ao ar livre. Que tivessem dicas de livros, notícias sobre o mundo, ciências, artes – é possível transformar tudo isso em informação acessível e não apenas para conhecedores, como se a cultura fosse patrimônio das classes A e B. Gostaria, enfim, de ver revistas populares que fossem feitas para ler de verdade, e que fizessem refletir. Mas a quem interessa que a classe C tenha suas próprias ideias?

Cynara Menezes, 15/07/2011, em:

<http://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-quer-a-classe-c>

## Proposta de dissertação argumentativa

Observe a charge do início da proposta. A partir dela, e considerando os textos apresentados cujos temas se aproximam ao da charge, redija uma dissertação em prosa argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema.